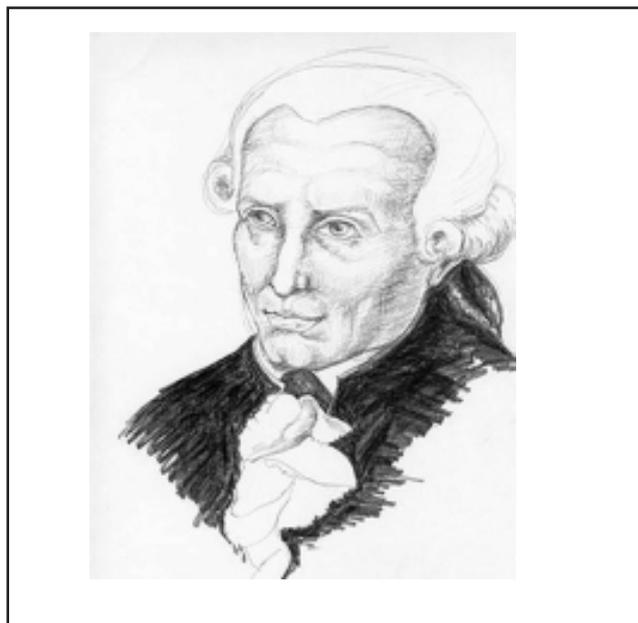


## INTOLERÂNCIA E ESCLARECIMENTO KANTIANO: UMA PROPOSTA ATUAL

Rogério Silva de Magalhães



**RESUMO:** Partindo dos atentados terroristas de 11 de setembro, procuramos mostrar de que maneira o estudo do texto “Que é Iluminismo?” de Kant, pode nos ajudar a pensar a temática da intolerância no mundo contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intolerância; Ética; Esclarecimento (*Aufklärung*); Ideologia.

**ABSTRACT:** Taking the 9/11 attacks as a starting point for discussion, we sought to show in which way the study of Kant’s “What is Enlightenment?” can help us think about intolerance in contemporary world.

**KEYWORDS:** Intolerance; Ethics; Enlightenment (*Aufklärung*); Ideology.



“A tragédia, nota Aristóteles, é a imitação de uma ação. Representa personagens em ação, *práttontes*. E a palavra drama provém do dórico *drân*, correspondente ao atíco *práttēin*, agir. De fato, ao contrário da epopéia e da poesia lírica, onde não se desenha a categoria da ação, já que aí o homem nunca é encarado como agente, a tragédia apresenta indivíduos em situação de agir; coloca-os na encruzilhada de uma opção com que estão integralmente comprometidos; mostra-os no limiar de uma decisão, interrogando-se sobre o melhor partido a tomar” (Vernant; Vidal-Naquet, 2002, p. 21).

Uma das funções da tragédia grega seria nos ensinar as conseqüências da ação desmedida do homem. Ora, se a tragédia possui essa função pedagógica de discutir a condição humana, o que os atentados de 11 de setembro teriam a nos ensinar? Após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a abordagem comumente utilizada para explicar o incidente trágico que abalou a opinião pública mundial, oscilou, em geral, entre a religiosa e a política. Se pararmos um momento e tentarmos retroceder no tempo, não notaremos, ou melhor dizendo, dificilmente encontraremos alguma entrevista ou artigo publicado nos grandes veículos de comunicação que tenha contemplado uma discussão filosófica sobre a necessidade do conhecimento, ou melhor, uma ampla discussão onde a ausência de esclarecimento fosse o tema chave para explicar o fenômeno da intolerância e o ato terrorista que abalou o mundo no início do século XXI. Houve sim, e com bastante propriedade, segundo Newton Bignotto, professor de filosofia da UFMG, um debate sobre tolerância e seus limites, o qual será, de certa forma, também objeto de nossa investigação, já que nos ocuparemos especificamente do tema da intolerância. Falou-se e muito também sobre o conceito de barbárie em contraposição ao de civilização representada neste caso pelo mundo ocidental, além de alguns debates e publicações cujo eixo de discussão estava polarizado entre o fundamentalismo islâmico e a pluralidade religiosa ocidental.

Contudo, em nenhum momento, parece que a proposta do esclarecimento kantiano tenha sido mencionada como fonte de compreensão do fenômeno e até mesmo como uma possível ferramenta para evitar os constantes atritos entre a cultura e política ocidental e oriental, atuando assim como uma barreira contra essa intolerância mútua. Tentarei ser mais claro. Nosso propósito, nesse texto, seria tentar demonstrar a pertinência desse texto de Kant, principalmente o conceito de *Aufklärung* para a reflexão filosófica contemporânea. Para entender a atualidade da proposta de Kant, analisemos primeiramente os germes da intolerância. Esse desafio nos permitirá traçar um caminho que nos conduzirá à compreensão do valor do esclarecimento kantiano na análise do nosso objeto principal. Pois bem, continuemos a nossa jornada começando com um olhar da ética sobre a intolerância que teria gerado os atentados de 11 de setembro, bem como todos os outros atentados do século XX.

Antes de prosseguirmos, vale a pena abrir um parêntese aqui. Os atentados de 11 de setembro podem ter impressionado o mundo inteiro pela logística empregada no planejamento e execução do ato e também pela magnitude do atentado, mas foi visto, principalmente, com espanto pela maior parte das pessoas por mostrar a vulnerabilidade do Estado norte-americano. Porém, em 1999, segundo o relatório *Patterns of Global Terrorism* de 2000 divulgado pelo Departamento de Estado dos EUA, portanto, três anos antes dos atentados de 11 de setembro, foram registrados naquele ano 392 atentados terroristas no mundo. De acordo com o mesmo relatório, no ano de 2000, foram registrados 423 atentados. Nota-se uma clara banalização dessa forma de violência, além do crescimento latente da intolerância bem antes dos atentados contra as Torres Gêmeas.



A ética normalmente nos ensina que é preciso respeitar a existência do outro. Porém, a partir do instante em que o indivíduo demonstra indiferença total pela existência do outro, a parte afetada, chamaremos aqui de não-indivíduo, pois foi rejeitado pelo outro, se julga no direito de ignorar a existência dos outros também. Mas essa atitude poderia ser

considerada menos permissiva do que a intolerância, pois a indiferença garante, de certa forma, a sobrevivência do indivíduo em sociedade, mesmo não sendo em plenitude.

A indiferença não implica assim o desejo de extirpação do não-indivíduo do tecido social. Por conseguinte, ignorar permite, pelo menos, a co-existência, seja de um indivíduo ou de um grupo perante toda a sociedade. No caso específico dos atentados de 11 de setembro, não seria descabido afirmar que houve uma intolerância para com o outro - a sociedade norte-americana. “O que chamou a atenção nos acontecimentos de 2001 não foi a defesa pública do terrorismo, que não ocorreu, mas a necessidade que se experimentou de descobrir suas raízes e suas ligações com grupos e países que pudessem encarnar o excluído e assim serem colocados fora do território do tolerável” (Bignotto, 2004: 68). Não neguemos que a indiferença também pode ser cruel na medida em que nega o reconhecimento da voz do outro. A indiferença poderia ser, inclusive, uma tática perversa para asfixiar o outro indesejado aos poucos. No entanto, vivemos em sociedades onde o corpo social não é coeso. Há várias fissuras nesse tecido que permitem a sobrevivência do excluído. À primeira vista, a indiferença poderia ser um castigo tão severo quanto a intolerância. Contudo, onde a intolerância impera muitas vezes não há para onde fugir podendo culminar em última instância na morte do indesejado. Ademais, a intolerância está quase sempre revestida pela máscara da violência. A esse respeito, Kant também teria algo a nos dizer. Vejamos qual o curso de ação recomendado pelo imperativo categórico da filosofia prática de Kant.

Segundo Kant, a lei moral pode ser traduzida em um imperativo categórico, o qual afirma que a ação não pode estar contaminada por interesses particulares. Mas acima de tudo, e isso é o mais relevante para nós no momento,

na segunda formulação do imperativo categórico, Kant prega que o ser humano seja fim e nunca simplesmente meio. “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (Kant, 1992: 69, o grifo é nosso). Ora, mas por quê? Por que este zelo em relação ao outro? Caso sejamos tentados a tratar o outro somente como meio, Kant nos adverte para as conseqüências dessa atitude, isto é, o outro passa a ser um objeto qualquer. O ser humano passa assim por um processo de coisificação. Não importa quantas vidas inocentes devam ser sacrificadas. Na ótica do terrorista, o importante é atingir o seu alvo, defender sua causa seja ela qual for. Com efeito, o terrorista se acha tão virtuoso que pretende construir um mundo novo sem a anuência do coletivo. Para os líderes terroristas, tanto os homens bomba quanto suas vítimas são meios para se chegar a um fim visando interesses particulares. Para Kant, essa atitude não é aceitável, e, por conseguinte, não pode ser considerada ética, pois preciso sempre pensar na minha condição de ser humano e de que faço parte de uma coletividade. Desse modo, percebe-se que a ética kantiana seria totalmente permeada pela razão humana. O pensar, sobretudo, o outro passa a ser uma constante em sua ética. Por isso, o homem racional é o único ser que poderia determinar o seu próprio destino.

Além disso, o terrorista não impõe o sofrimento ao outro por uma vontade desinteressada, o que poderia dar um sentido ético kantiano às suas ações. No filme palestino

*Paradise Now*, dirigido por Hany Abu-Assad em 2005, nota-se claramente que a ação terrorista está sempre em um eterno devir. Para os líderes terroristas, a pergunta, em geral, é sempre a mesma: quando será o próximo atentado? Viver para o terror. Os dois protagonistas do filme, Said e Khaled, por exemplo, vivem a angústia de não conseguirem se libertar da ideologia que os assola. Eles evitam duvidar da existência deles enquanto seres independentes dos outros, principalmente de seus líderes. A dúvida cartesiana, isto é, duvidar de si e do



que faz é sempre abafada pelo “eu tenho que fazer pela causa” ou “não há outra saída”. Para eles, o melhor é evitar pensar para que a dúvida não apareça. Dessa forma, a vontade dos terroristas não consegue ser constrangida pela razão. O que isso significa? Eles parecem encarnar a figura do homem trágico, isto é, do indivíduo sem múltiplas possibilidades de escolha, mas somente com um único caminho à sua frente. “O homem trágico já não tem que ‘escolher’ entre duas

possibilidades; ele ‘verifica’ que uma única via se abre diante dele. O comprometimento traduz não a livre escolha do sujeito, mas o reconhecimento dessa necessidade de ordem religiosa à qual a personagem não pode subtrair-se e que faz dela um ser ‘forçado’ interiormente, *biastheís*, no próprio seio de sua ‘decisão’” (Vernant; Vidal-Naquet, 2002: 27-28).

Neste cenário, não nos parece difícil compreender o motivo pelo qual a dúvida é sempre sufocada na mente dos terroristas. E por isso, à certa altura, a paixão pelo que fazem se torna tão grande que os algozes passam a

encarar seus atos como sendo frutos da vontade. A razão tem dificuldade para agir nesse território tal é a força dessa convicção. Ou seja, o caminho do terror passa a ser uma necessidade da qual nenhum deles parece conseguir se desvencilhar.

Mas qual a relação daquele triste episódio na história da humanidade com o esclarecimento proposto por Kant em seu texto “Que é Iluminismo?” Antes de responder a esta pergunta, seria frutífero entendermos primeiro o papel da ideologia para o surgimento de uma convivência intolerante em sociedade. Compreender o papel desempenhado pela ideologia no desencadeamento dos atentados nos permitirá entender a força da proposta kantiana para a compreensão do fenômeno terrorista na contemporaneidade.

Talvez não seja exagero algum olhar para a história do século XX e afirmar que ela tenha sido, em grande parte, marcada pelas ideologias (cf. Eagleton, 1997). Podemos citar alguns exemplos, tais como: o comunismo e o fascismo da Itália de Mussolini. O discurso ideológico político era provavelmente o mais disseminado e permaneceu assim por muitas décadas após o fim da Segunda Guerra Mundial com um novo desdobramento chamado Guerra Fria. E qual é a função fundamental da ideologia? A função primordial da ideologia é a utilidade, a dominação. “A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem fazer” (Chauí, 1983, p. 113).

Dessa forma, podemos afirmar que a ideologia comporta uma falsa sensação de bem-estar interiorizada no indivíduo e que foge, no fundo, do racional. E como a ideologia se processa dentro do terrorismo? Nos parece complexo afirmar que a ideologia que move o terrorismo seja essencialmente e, por

consequente, baseada na religião islâmica. De fato, não se pode negar o uso da crença religiosa no paraíso prometido para ajudar a moldar a mente do mártir terrorista, isto é, daquele que entrega a sua vida em prol da “causa”. Contudo, essa crença e o uso da violência extrema não são posturas compartilhadas por todos os adeptos do islamismo. Nos parece, portanto, mais plausível crer, por enquanto, que essa ideologia seja criada por líderes de grupos terroristas, os quais unem uma série de elementos não só da esfera religiosa, mas também da esfera política e econômica com o objetivo de forjar um discurso capaz de fornecer combustível suficiente para manter suas células terroristas vivas e ativas por décadas. Conforme dito anteriormente, vive-se do e para o terror. Torna-se quase um vício. Nota-se, portanto, uma enorme manipulação semântica nesse discurso ideológico terrorista para manter a longevidade dos interesses desses grupos. “A ideologia não é um ‘reflexo’ do real na cabeça dos homens, mas o modo ilusório (isto é, abstrato e invertido) pelo qual representam o aparecer social como se tal aparecer fosse a realidade social” (Chauí, 1983, p. 106).

Todas essas concepções acerca da ideologia nos levam a pensar que no âmago dessa questão encontramos o poder como mola propulsora do pensamento ideológico. Nutrir um indivíduo com idéias e normas de tal forma que ele haja conforme o estipulado por uma determinada corrente ideológica, seja ela qual for, seria o objetivo principal da ideologia. O indivíduo se torna dependente daquele corpo sistemático de idéias e normas para existir. A ideologia, em suma, achata a mentalidade do indivíduo guiando-o a um destino pré-determinado para atender os interesses de um grupo. Contudo, não nos debrucemos mais sobre essa questão da ideologia, pois esse não é o objetivo central deste texto. Ademais, vimos

o suficiente para prosseguirmos em nossa jornada de compreensão do fenômeno da intolerância.

Tendo em vista essa visão geral sobre a ideologia como ingrediente da lógica terrorista, cabe agora fazermos o seguinte questionamento: além do desprezo pelo Estado e pelo povo norte-americano, o que estava na mente dos terroristas do 11 de setembro? A resposta: ideologia. Logo, podemos concluir que não foi a argumentação, a reflexão, o debate, em suma, a razão que norteou e fundamentou a ação terrorista contra as Torres Gêmeas. Muito pelo contrário, o terrorista manifesta aversão, repúdio ao pensamento. Por esta razão, o outro não significa nada para ele. O terror seria utilizado para emudecer o debate e todos nós sabemos que não há debate sem interlocutor, isto é, o outro. Onde está o conflito de pensamento, de idéias que poderia justificar tal ato? Em outras palavras, para explicar o que aconteceu sob uma perspectiva macro-cósmica poderíamos afirmar que foi a ausência de um grande projeto de entendimento. E esse espaço vazio poderia facilmente e consistentemente ser preenchido pela proposta kantiana do esclarecimento. Infelizmente, parece-nos pouco provável que isso venha a acontecer em um curto espaço de tempo. Quem sabe as gerações futuras, por meio de uma educação onde a interpretação da realidade seja mais analítica, isto é, mais argumentativa, possam abandonar a opção pelo terror.

Aliás, o esclarecimento proposto por Kant poderia não só ajudar a compreender as ideologias nocivas à existência do outro, mas a idéia de colocar o conhecimento em um lugar privilegiado dentro da experiência humana poderia ajudar a implodir os pilares da ideologia terrorista e de sua intolerância. Para Kant, basta o ser humano servir-se da própria razão para que o ser humano possa atingir a autonomia no agir em sociedade.



Andar com as próprias pernas deixando assim de entregar a administração da sua vida a outrem seria o primeiro passo para se criar uma ação política capaz de evitar o uso extremo da força. No entanto, é preciso deixar claro mais uma vez que o pensamento crítico surge da minha reflexão particular, mas ao mesmo tempo, do contato com o outro. Sob essa perspectiva, a intolerância recrudescer, pois o outro deixa de ser supérfluo na minha relação com o mundo. Em sua época, Kant queria que o homem deixasse de ser mero espectador de sua realidade histórica e passasse a ser um co-participante daquele movimento histórico chamado “Iluminismo”. A sua ambição era compelir o indivíduo a agir sobre o conhecimento e deixar a apatia de lado. O terrorista, por sua vez, continua em um estágio denominado por Kant de “menoridade”. Ou seja, nesse estágio, o indivíduo é muito dependente da tutela do outro. Os terroristas que são sacrificados nos atentados não conseguem se libertar do cordão umbilical que os ligam a seus líderes. A morte torna-se a única capaz de romper esse vínculo. O indivíduo não se vê como sendo capaz de agir sem as orientações alheias. “A *menoridade* é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” (Kant, 2005, p. 11).

Para concluir, adotar uma postura de reflexão sobre o presente e nos interrogarmos sobre o papel desse *eu* pensante nesse *nós* que constitui o corpo social e, em um sentido mais amplo, esse mundo globalizado, ajudaria tanto a opinião pública norte-americana quanto as populações que vivem sob o jugo de grupos terroristas a impedirem que seus governantes e terroristas se sentissem livres o tempo todo para usarem a força como instrumento de divulgação de suas vontades privadas. Nesse sentido, a ação política passaria a ser produtiva e não destrutiva. E se mesmo assim ainda não pudéssemos falar de tolerância, poderíamos, pelo menos, passar para um patamar menos indigno que é o da indiferença, evitando-se assim um processo de destruição mútua. Se Kant deseja que aprendamos algo com as mazelas humanas, é porque ele aspira dar ao esclarecimento uma dimensão prática para a racionalidade humana. Enquanto o medo gerado pela pedagogia do terror imperar e as pessoas continuarem a abdicar de se servirem da própria razão, isto é, abdicarem de desenvolver pensamento crítico, os terroristas continuarão vendo a si mesmos como benfeitores e não como criminosos.

T & M

Texto recebido em: 12/07/2007. Aprovado para publicação em: 06/11/2007.

### **SOBRE O AUTOR:**

**Rogério Silva de Magalhães** é Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço eletrônico: rogemaga@terra.com.br.

MAGALHÃES, Rogério Silva de. "Intolerância e esclarecimento kantiano: uma proposta atual". *Revista Temas & Matizes* - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 10 - 2º Semestre de 2006, p. 85-92.

### REFERÊNCIAS

BIGNOTTO, Newton. "Tolerância e diferença". In: NOVAES, Adauto (Org.). **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia?** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Unesp; Boitempo, 1997.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1992.

—. "Resposta à pergunta: Que é Iluminismo?" In: —. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1995.

VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OFFICE OF THE COORDINATOR FOR COUNTERTERRORISM (2001). **Patterns of Global Terrorism**. Disponível em: [www.state.gov/s/ct/rls/crt/2000/2420.htm](http://www.state.gov/s/ct/rls/crt/2000/2420.htm). Acesso em: 15 de maio de 2005.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)